

## Estudo de duas lucernas vidradas de época romana encontradas em *Bracara Agyvsta*\*

Rui MORAIS

### Resumo:

Neste trabalho estudam-se duas lucernas de época romana onde foi aplicada a técnica pouco frequente do vidro de chumbo. A primeira corresponde a um fragmento vidrado em forma de cabeça de cavalo que servia de apêndice a uma lucerna *bilychne* do Tipo Loeschke I, a segunda a uma lucerna intacta de bico redondo e enquadrável no Tipo Bailey Piii.

### Palavras-chave:

*Bracara Agyvsta*; Alto Império; Lucernas vidradas.

## 1. INTRODUÇÃO

Do conjunto de lucernas presentes em *Bracara Agyvsta* destacam-se duas lucernas romanas de importação onde foi aplicada a técnica pouco frequente do vidro de chumbo<sup>1</sup>. Objectos de elevada qualidade pela sua originalidade e largamente difundidas no Império romano as lucernas vidradas são relativamente escassas<sup>2</sup> em comparação com o restante repertório morfológico das cerâmicas vidradas<sup>3</sup> (Morillo Cerdán, 1996: 34).

Na verdade, o uso da técnica do vidro<sup>4</sup>, documentada na Mesopotâmia e Egipto pelo menos desde os inícios do III milénio (*id.*, 1999: 85), foi largamente utilizada em época

\* Foram já motivo de publicação 17 lucernas de importação e de produção local pela Dra. Manuela Delgado (1989-90: 170-173) num artigo, publicado nos Cadernos de Arqueologia da Universidade do Minho, sobre "*As necrópoles de Bracara Augusta*".

<sup>1</sup> O revestimento vítreo conferido às lucernas proporcionava-lhes diversas vantagens, tanto funcionais como estéticas, dado que evitava a exsudação do azeite e dissimulava as irregularidades e imperfeições da superfície da peça (Morillo Cerdán, 1996: 36; *id.*, 1999: 86).

<sup>2</sup> O estudo realizado por Morillo Cerdán sobre "*Lucernas vidriadas de época romana en la península ibérica...*" (1996), permitiu constatar, para além da sua reduzida presença e estado muito fragmentado, uma maior concentração na costa catalã e no vale do Ebro.

<sup>3</sup> Elvino Melim de Sousa, num estudo sobre cerâmica vidrada Romana proveniente de Tróia de Setúbal (1993-94: 361-362), refere, a partir da bibliografia consultada, o aparecimento em Portugal deste tipo de cerâmica em Monte do Farrobo (Aljustrel); Lobeira Grande (Beja); Conimbriga; Tróia de Setúbal; Paredes (Alenquer) e Alcácer do Sal. Em Espanha, M. Beltrán (1990) reúne um total de 36 escavações que forneceram cerâmica vidrada romana (*cfr.*, ainda, López Mullor, 1981: 203-204).

<sup>4</sup> O processo de fabrico de cerâmicas vidradas foi já motivo de análise por vários autores: N. Toll, 1943: 1-4; F. Jones, 1945: 47; Charleston, 1955: 24; M. Ribas Bertran, 1965: 159; Alarcão, 1975: 96; López Mullor, 1981: 202; A. J. F. Quinteira, 1984: 108-109, Cuomo di Caprio, 1985: 97-103, 110-114; Casas i Genover e Merino i Serra, 1990: 139-155; Morillo Cerdán, 1996: 34-359; *id.*, 1999: 85).

helenística no Mediterrâneo Oriental<sup>5</sup>, em formas como pequenas tijelas com bordos encurvados, e no Egípto Ptolomaico<sup>6</sup> seguindo a tradição de uma espécie de “faiança” vidrada adaptada para produzir vasos, alguns de tamanho e complexidade consideráveis, tendo em conta a natureza friável do material.

No mundo romano a produção de cerâmica vidrada imitando exemplares helenísticos inicia-se no Norte de Itália<sup>7</sup> a partir da mudança de era e rapidamente se difunde nas províncias setentrionais onde surgem imitações no período tardo-augustano e tiberiano em centros produtores como Lyon e ateliers da Gália Central (*Lezoux, Vichy, Gannat, Saint-Rémy-en-Rollat*), e mais tarde nas províncias da *Britania, Germania e Panonia*, que se extinguem à roda dos sécs. II e III d. C. (Morillo Cerdán, 1996: 35; *id.*, 1999: 85).

No contexto hispânico os achados de Carmona e Palencia, todos eles datados da 2ª metade do séc. I, permitem constatar a existência de uma produção Bética. De acordo com López Mullor (1981: 204) esta produção estaria certamente associada à produção de paredes finas, iniciada a partir dos inícios do reinado de Cláudio (*vid.*, ainda, Morillo Cerdán, 1996: 35; *id.*, 1999: 85).

## 2. AS DUAS LUCERNAS VIDRADAS ENCONTRADAS EM BRACARA AVGVSTA

### 2.1. O FRAGMENTO DE LUCERNA LOESCHCKE III

Nas escavações recentemente retomadas na área Termal de *Bracara Avgvsta* encontrou-se na U.E. 130, correspondente a um entulhamento de um tanque feito nos finais do séc. I/inícios do séc. II e que inclui materiais de Augusto aos Antoninos, um fragmento vidrado em forma de cabeça de cavalo correspondente à parte superior que remata uma das volutas e que servia de apêndice a uma lucerna *bilychne* do Tipo Loeschcke III (Est. I). Ainda que não se conheçam muitas evidências arqueológicas para lucernas deste sub-tipo a grande maioria dos autores propõe uma origem Campaniense e Centro-Itálica mais do que uma origem na região micro-asiática (Bailey, 1980: 303; Morillo Cerdán, 1996: 37; *id.*, 1999: 86)<sup>8</sup>.

De acordo com um ponto de vista morfológico Morillo Cerdán (1996: 37) propõe, para este tipo característico de lucernas, uma cronologia respeitante à 1ª metade do séc. I, ainda que exemplares estratigrafados provenientes de Ampurias e Astorga se encontrem em contextos dos meados desse século. Da totalidade destas lucernas destaca-se um exemplar intacto datado do

<sup>5</sup> Recentes análises permitiram identificar pelo menos três centros de produção na costa da anatólia, como por exemplo Tarso onde se acharam vestígios de fornos e moldes de *Skyphos* (López Mullor, 1981: 202; Morillo Cerdán, 1996: 35; notas: 12 e 13, p. 35).

<sup>6</sup> No Egípto a cidade de Alexandria converteu-se num dos principais centros de produção deste tipo de cerâmica (Morillo Cerdán, 1996: 35; nota: 10, p. 35).

<sup>7</sup> A produção de cerâmica vidrada está ainda documentada no período tardo-romano para o Norte da Itália (Morillo Cerdán, 1996: 35; nota: 16, p. 35).

<sup>8</sup> Segundo Morillo Cerdán (1996: 37) a maioria dos exemplares daquele tipo com apêndices em forma de cabeça de cavalo sugere uma origem centro-italica dado que “*la mayoría se concentra en la región del Lacio y la Campania, com exportaciones esporádicas hacia puntos concretos del litoral mediterráneo, como Ampurias, Elche o Kertsch, y campamentos militares de cronología antigua, como Vindonissa o Astorga*”.

séc. I, proveniente de Pompeia e actualmente em depósito no Museu Nacional de Nápoles (Ziviello, 1989: fig. 13) que, segundo cremos, é idêntico ao fragmento encontrado nas Termas do Alto da Cividade (Est. II) e, como tal, testemunho de como outrora seria a lucerna correspondente ao pequeno fragmento encontrado na área Termal de *Bracara Avgvsta*.

## 2.2. A LUCERNA DO TIPO BAILEY P iii

Referida no já citado artigo de Ángel Morillo Cerdán (1996) está ainda presente em *Bracara Avgvsta* uma lucerna vidrada de bico redondo enquadrável no tipo Bailey P iii (1980: 314-316), encontrada numa cista (Fig. 1) pertencente à necrópole da via XVII, no espaço correspondente à actual Avenida da Liberdade (Est. III)<sup>9</sup>.

Ainda que na sua generalidade as lucernas de bico redondo tivessem tido um grande êxito difundindo-se, abundantemente e sem grandes alterações, por todas as regiões do

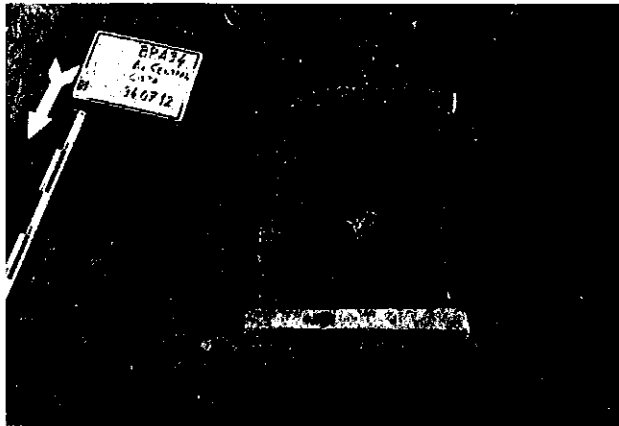


Fig. 1

império, desde a época flávia até finais da dinastia antonina, a informação cronológica precisa para as lucernas incluídas por Bailey no seu Tipo P é quase inexistente (*id.*, 1980: 314). Apesar desta lacuna, a grande maioria dos autores aponta, todavia, para uma cronologia que medeia as duas últimas décadas do séc. I e a 1.ª metade do séc. II (*id.*, *ibidem*)<sup>10</sup>.

A lucerna proveniente de Braga, de corpo largo e baixo produzida a molde, caracteriza-se por possuir um bico pequeno e arredondado, limitado por um segmento de recta, e apresenta na orla duas protuberâncias medianamente desenvolvidas à semelhança das lucernas conhecidas pela designação de *Firmalampen*<sup>11</sup>. O disco, com um orifício de alimentação de tamanho médio que inclui a representação de duas serpentes, está separado da orla por duas molduras bem definidas.

A presença na orla de três ressaltos nos quais o vidro adquire uma tonalidade escura foi causada, muito provavelmente, por uma acumulação de revestimento vidrado no momento de fusão nos lugares onde se apoiava o tripode que separava as peças umas das outras, evitando assim que aderissem entre si durante o processo da cozedura.

<sup>9</sup> O nosso agradecimento ao Dr. Armandino Cunha pela autorização concedida para a publicação desta lucerna proveniente de uma das suas escavações.

<sup>10</sup> No seu catálogo Bailey (1980: 314) apresenta uma lucerna vidrada do mesmo tipo, inventariada com o n.º Q 1324, datada da 1ª metade do séc. II.

<sup>11</sup> Esta particularidade está também presente nas lucernas coríntias e áticas do mesmo tipo (Deneauve, 1969: 188).

À semelhança de outras lucernas vidradas testemunhadas no império, o fundo, que assenta numa base plana, possui a marca de oleiro CIVNDRAC frequentemente associada a produções de origem africana e itálica (Balil, 1984: 194; Morillo Cerdán, 1999: 57). Saliente-se, no entanto, que a presença na caligrafia da peça da letra “N” invertida permite, no caso presente, atribuir uma origem Bética para esta lucerna, provavelmente oriunda de uma das oficinas da baía gaditana (Balil, 1984: 194).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença em *Bracara Agyvsta* de duas lucernas vidradas de importação, escassas em todo o Império, testemunha a existência de um grupo cultural ou étnico concreto, disposto a pagar preços elevados pela sua aquisição. Esta presença, no contexto geral dos restantes materiais de importação encontrados na cidade, dá também testemunho de uma cidade que beneficiava de um intenso tráfego comercial marítimo e, em menor escala, terrestre, para prover-se de produtos, quer de necessidade básica, quer de grande qualidade, oriundos de diferentes centros produtores do Império.

## CATÁLOGO

### Est. I

Tipo Loeschcke III. Apêndice de lucerna *bilychne* em forma de cabeça de cavalo. O exame macroscópico à lupa binocular permite identificar nas superfícies da fractura uma pasta de cor rosada (5 YR 7/4), fina e dura, bem depurada e de boa qualidade. Inclusões de grãos de quartzo muito pequenos e bem calibrados e algumas partículas negras. Revestida por uma película vitrificada de cor verde muito bem conservada.

Espesura: 22 mm; Largura: 39 mm; Comprimento: 50 mm; Proveniência: BRA 98 Termas 183; Depósito M. D. D. S.; Número de inventário: 1520/98.

### Est. II

Tipo Loeschcke III. Lucerna *bilychne* intacta.

Proveniente de Pompeia e em depósito no Museu Nacional de Nápoles.

### Est. III

Tipo Bailey P iii. Lucerna intacta. Nalgumas ligeiras falhas do vidrado foi possível identificar, a partir do exame macroscópico à lupa binocular, uma pasta amarela esbranquiçada (10 YR 8/4), pouco dura ou mesmo branda e esponjosa. Possui inclusões de grãos de quartzo sub-angulosos, de pequenas dimensões e bem calibrados, e algumas partículas de hematite. Revestida por uma película vitrificada de cor verde muito bem conservada.

Marca: CIVNDRAC. Em nexa as letras V e N (invertida). Altura: 30 mm; Largura: 83 mm; Comprimento: 116 mm; Proveniência: Avenida Central; Depósito M. D. D. S.; Número de inventário: 899/94.

## AGRADECIMENTOS

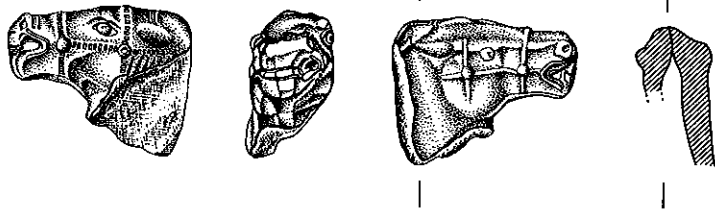
*Fotografias:* Manuel da Cunha Santos, Maria Perpétua Pinheiro Ferreira.

*Desenhos:* Amélia Maria Rodrigues Marques Fernandes, Maria das Dores Novais Pires.

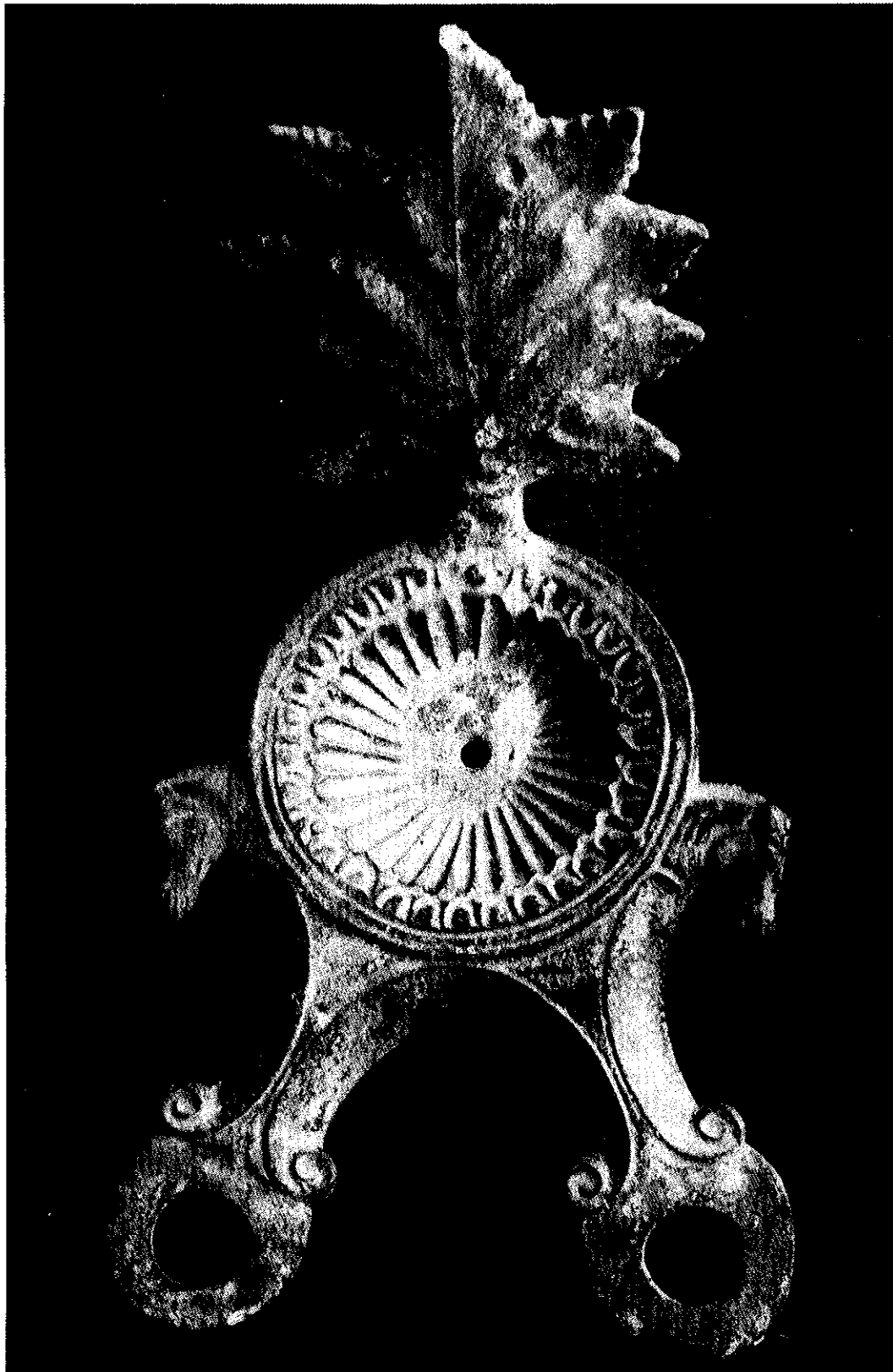
## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1976) – “Céramiques à glaçure plombifère”. *A propòs des céramiques de Conimbriga*, separata de *Conimbriga*, vol. XIV, Coimbra, 1975, 96.
- BAILEY, D. M. (1980) – *A Catalogue of the lamps in the British Museum, 2, Roman Lamps in Italy*, British Museum, Londres, 1980.
- BELTRÁN, M. (1990) – *Guía de la Cerámica Romana*, Zaragoza, 1990: 187-189; figs. 92-93.
- BURÓN ÁLVAREZ, M. (1997) – “El Trazado Urbano en las proximidades del Foro en Asturica Augusta. La casa del pavimento de *opus signinum*”, *Arqueología en Castilla y León*, 2, Junta de Castilla y León, Salamanca, 1997: 31; 35; 101, nº 183.
- CASAS i GENOVER, J. e MERINO i SERRA, J. (1990) – “Troballes de ceràmica vidriada d'època romana a les comarques costaneres de Girona”, *CYPSELA*, VIII, Girona, 1990, 139-155.
- CHARLESTON (1955) – *Roman Pottery*, Londres, 1955: 24.
- CUOMO DI CAPRIO, N. (1985) – “La ceràmica in archeologia”, *L'Erma di Bretschneider*, Roma, 1985, 97-103; 110-114.
- DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*, Paris, 1969.
- JONES, F. F. (1945) – “Rhosica vasa”, *American Journal of Archaeology* (A. J. A.), XLIX, 1945: 45-51.
- LÓPEZ MULLOR, A. (1981) – “Notas para una clasificación de los tipos más frecuentes de la cerámica vidriada romana en Cataluña”, *Ampurias*, 43, Barcelona, 1981, 201-215.
- MARTINS, M. e DELGADO, M. (1989-90) – “As Necrópoles de Bracara Augusta”, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 6-7, Braga, 1989-90, 170-173.
- MELIM DE SOUSA, Élvio (1993-94) – “Cerâmica vidrada romana proveniente de Tróia”, *Conimbriga*, vol. XXXII-XXXIII, Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 361-371.
- MORILLO CERDÁN, A. (1996) – “Lucernas vidriadas de época romana en la península ibérica. Dos ejemplares inéditos depositados en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid”, *AUISEK* 2, 1996, 29-44.
- (1999) – “Lucernas romanas en la región septentrional de la península ibérica. Contribución al conocimiento de la implantación romana en Hispania”, *Monographies instrumentum*, 8/2, vol. I e II, Éditions Monique Mergoïl, Montagnac, 1999.
- QUINTEIRA, A. J. F. (1984) – “Duas peças de vidro verde achadas em Conimbriga”, *Conimbriga*, vol. XXIII, Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 105-111.
- RIBAS BERTRAN, M. (1965) – “Cerámica vidriada romana en Mataró”, *Pyrenae*, I, 1965: 159.
- TOLL, N. (1943) – “The green glazed pottery”, *The excavations at Dura-Europos, Final Report*, IV, part. I, fasc. 1, New Haven, 1943: 1-4.
- ZIVIELLO, Carmen (1989) – “Le terrecotte invetriate”, *Le Collezioni del Museo Nazionale di Napoli*, De Luca Edizioni d'Arte Leonardo, Roma, 1989, 87-89; 202-205.

Est. I



Est. II



Est. III

